

## **ABORDAGENS COLABORATIVAS ORIENTADAS A PROJETOS SOCIAIS: situação teórica e perspectivas**

### ***COLLABORATIVE APPROACHES TO SOCIAL PROJECTS: theoretical situation and perspectives***

**Piera Consalter Paoliello, mestranda em Design, Universidade Federal do Paraná.**

pieracpaoliello@gmail.com

**Adriano Heemann, doutor em Design, Universidade Federal do Paraná.**

adrianoheemann@gmail.com

#### **Resumo**

Tratando-se de projetos de cunho social — que envolvem pessoas em situações de vulnerabilidade — a responsabilidade no êxito da execução do projeto é ainda maior do que em projetos orientados a outros públicos. Nesse contexto, abordagens colaborativas podem ser ferramentas úteis para a maximização da possibilidade de sucesso. Com o intuito de identificar métodos colaborativos utilizados em projetos sociais de impacto, realizou-se uma Revisão Bibliográfica Narrativa, seguida por uma Revisão Bibliográfica Sistemática, e posterior interpretação dos resultados obtidos. Através da execução de tal método, foram detectadas ênfases e eventuais lacunas na literatura qualificada a respeito de abordagens colaborativas aplicadas em projetos sociais brasileiros que obtiveram resultados em sua empreitada. O mapeamento dessas ênfases e lacunas aponta a utilização de abordagens colaborativas como ferramentas úteis para promover o êxito de projetos sociais, pois proporcionam a inserção dos designers e os demais atores envolvidos no projeto à realidade do público-alvo.

**Palavras-chave:** Abordagens colaborativas; Sustentabilidade Social; Revisão Bibliográfica Sistemática.

***Abstract***

*Regarding projects of a social nature, which involve people in situations of vulnerability, the responsibility over the success of the project is even larger than in projects related to other publics. In this context, collaborative approaches can be useful tools for the maximization of the probability of success. With the objective of identifying collaborative methods utilized in impactful social projects, a narrative literature review was performed, followed by a systematic literature review and by the interpretation of the results obtained. Through this method, emphases and eventual gaps in the specialized literature were identified concerning collaborative approaches that have been applied in Brazilian social projects and which have obtained results in their endeavor. The mapping of such emphases and gaps points to the employment of collaborative approaches as useful tools to promote the success of social project, as they allow for the insertion of designers and other actors involved in the project in the reality of the target public.*

***Keywords:*** *Collaborative approaches; Social Sustainability; Systematic literature review*

## 1. INTRODUÇÃO

Projetos sociais, a grosso modo, têm o objetivo de promover a manutenção da sustentabilidade social, solucionando problemas e beneficiando “agrupamentos sociais e segmentos populacionais em situação de risco social” (MELO NETO, 2002, p. 130).

Ao tratar de demandas específicas, que envolvem pessoas em situação de vulnerabilidade, a necessidade de alcançar resultados exitosos nos projetos torna-se ainda mais fundamental, aumentando o grau de responsabilidade do designer e demais atores envolvidos no desenvolvimento desses projetos.

Segundo Foladori (2002), o conceito de sustentabilidade social dá ênfase à importância da participação social na construção de um futuro mais justo. As ações visam diminuir as desigualdades sociais, ampliar os direitos e garantir acesso pleno à cidadania. Claro, Claro e Amâncio (2008, p. 292) ressaltam que, “a sustentabilidade social está baseada num processo de melhoria na qualidade de vida da sociedade, pela redução das discrepâncias entre a opulência e a miséria, por meio de diversos mecanismos”.

Portanto, identifica-se que há potencial de exploração na relação entre projetos sociais e abordagens colaborativas, devido à possibilidade de aumentar a interação entre o designer e público-alvo.

Heemann, Lima e Correa (2010) definem o termo ‘colaboração’ como um trabalho em conjunto, e sua aplicação no âmbito do Design, de acordo com os autores, é o “ato ou efeito produtivo ou criativo exercido em um grupo solidário de pessoas comprometidas” (HEEMANN; LIMA; CORREA, 2010, p. 1341), onde ocorra a fusão de valores pela interação entre os atores envolvidos que culmine na resolução conjunta de um problema. Portanto, abordagens colaborativas podem ser úteis para a maximização da possibilidade de êxito devido à participação ativa do público-alvo, o que torna os projetos mais adequados à realidade, suas demandas, vontades e necessidades.

Com o intuito de mapear a situação teórica da aplicação de abordagens colaborativas em projetos sociais, para posterior identificação dos métodos e ferramentas utilizados em projetos que obtiveram resultados positivos, realizou-se uma revisão bibliográfica. A busca iniciou com o desenvolvimento de uma Revisão Bibliográfica Narrativa, seguida por uma Revisão Bibliográfica Sistemática, com posterior interpretação dos resultados obtidos. Foram cruzados os termos “design colaborativo”, “ferramentas colaborativas”, “co-design” e “projetos colaborativos” com “projetos sociais” e “projetos comunitários”. Após a aplicação completa do método, foram selecionados seis trabalhos. Estes remanescentes são dissertações de Programas de Pós Graduação em Design de universidades brasileiras.

Por meio da execução do método, foram detectadas ênfases e eventuais lacunas na literatura qualificada a respeito de abordagens colaborativas aplicadas em projetos sociais brasileiros. Diagnosticou-se que, ao aplicar abordagens colaborativas em projetos de cunho social, o pesquisador responsável pelo projeto torna-se capaz de identificar situações e aspectos culturais que passariam despercebidos, detalhes estes que interferem no êxito do projeto.

O mapeamento dessas ênfases e lacunas aponta abordagens colaborativas como vantajosas para alcançar resultados positivos em projetos sociais, além de reiterar a

necessidade de aprofundar estudos relacionados à temática, desenvolvendo métodos específicos e testando ferramentas colaborativas em projetos desenvolvidos para tal público.

O presente artigo tem por objetivo apresentar a situação teórica sobre a relação entre projetos sociais, métodos e ferramentas colaborativas e analisar as lacunas existentes entre os estudos encontrados na literatura para identificar oportunidades de pesquisas. Portanto, ressalta-se que este relato contém a investigação inicial da pesquisa, contendo apenas os dados obtidos, visto que, no momento, a aplicação de tais informações ainda está em processo de desenvolvimento.

## **2. MÉTODO E DESENVOLVIMENTO**

Para explorar as informações necessárias no diagnóstico das ênfases e lacunas da relação entre projetos sociais e abordagens colaborativas, e identificar possíveis ferramentas para o desenvolvimento de projetos relacionados à temática, realizou-se uma Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS), seguida por uma Revisão Bibliográfica Narrativa (RBN). A RBS é um modelo metodológico rigoroso e explícito para identificar, selecionar, coletar dados e descrever as contribuições relativas à pesquisa (CORDEIRO *et al.*, 2007, p.429), e diferencia-se da RBN por apresentar maior rigor científico, podendo alcançar melhores resultados, reduzir erros e o viés do pesquisador responsável pela condução do estudo (CONFORTO *et al.*, 2011, p. 2).

O começo da RBS se dá pela estruturação de uma pergunta de pesquisa. Uma pergunta bem estruturada é o começo de uma boa revisão sistemática, pois define quais serão as estratégias adotadas para identificar os estudos que serão incluídos e quais serão os dados que necessitam ser coletados de cada estudo (CORDEIRO *et al.*, 2007, p.429). Neste caso, definiu-se a pergunta de pesquisa: "Como projetos de design colaborativo que contribuem com questões sociais são desenvolvidos no Brasil?". Segundo Transfield; Denver e Smart (2003), a RBS compreende as etapas de planejamento, execução e Relatório de Pesquisa, que estão relatadas a seguir.

A RBN foi utilizada, neste caso, para um aprofundamento da pesquisa, limitando o estudo ao campo de interesse exato. Dessa maneira, foram identificadas outras obras a partir de referências obtidas durante a leitura dos artigos da RBS, que indicaram novas fontes de pesquisa.

### **2.1 Planejamento da revisão**

De acordo com Transfield; Denver e Smart (2003), para dar início à execução de uma RBS deve-se considerar três procedimentos: a definição do objetivo da revisão, a identificação da literatura e a seleção dos estudos possíveis de serem incluídos.

Para definir o escopo da pesquisa, com o intuito de facilitar e objetivar a busca, foram definidos critérios para inclusão e exclusão de trabalhos, sendo considerados **critérios de inclusão** projetos desenvolvidos no Brasil, escritos nos últimos 10 anos, sem fins

lucrativos, e que atendam a comunidade externa à universidade. Como **critérios de exclusão**, projetos com o objetivo de gerar lucro e aqueles voltados à ambientes colaborativos virtuais.

Para a identificação da literatura, definiu-se inicialmente as bases de dados CAPES, Scielo e BDTD como fontes para a busca, pelo rigor na aceitação das publicações, bem como por agregarem um amplo número de documentos. Foram selecionados termos correspondentes ao “Design Colaborativo” e “Projetos Sociais”, identificados no Quadro 01.

<b>1</b>	DESIGN COLABORATIVO
<b>2</b>	AMBIENTES COLABORATIVOS
<b>3</b>	CO-DESIGN
<b>4</b>	PROJETOS COLABORATIVOS
<b>5</b>	DESIGN PARTICIPATIVO
<b>A</b>	PROJETOS SOCIAIS
<b>B</b>	PROJETOS COMUNITÁRIOS

**Quadro 01 – Termos para busca.**  
**Fonte: Desenvolvido pela autora, 2017**

Os termos foram definidos a partir de palavras-chaves utilizadas em estudos realizados anteriormente pela autora.

## **2.2 Resultados**

Inicialmente foram realizadas buscas “puras”, contendo apenas um termo (c.f. quadro 01) e, em sequência, buscas “cruzadas”, na qual foram correlacionados os termos presentes nas duas classes de assuntos (Tabela 01). A Tabela 01 apresenta os resultados numéricos das buscas por termos em cada base de dados.

	CAPES	SCIELO	BDTD
1	80	97	294
2	220	10	627
3	5.293	314	43
4	125	0	466
5	455	75	234
A	4.897	461	9.524
B	466	35	495
1A	38	0	25
1B	1	0	0
2A	30	0	38
2B	2	0	0
3A	4	0	6
3B	0	0	0
4A	71	0	103
4B	8	0	2
5A	48	1	40
5B	5	0	2

**Tabela 01 – Resultados numéricos das buscas.**  
**Fonte: Elaborado pela autora (2017).**

Após a primeira busca, iniciou-se o processo de seleção dos estudos. Para as buscas de termos “puros”, que resultaram em mais de 100 trabalhos, foram selecionados para avaliação os 10 trabalhos mais relevantes — mais completos em relação à descrição dos métodos e ferramentas do Design Colaborativo utilizadas, além do relato de êxito da experiência —, os 10 mais citados e os 10 mais recentes, eliminando posteriormente possíveis trabalhos duplicados. Em relação às buscas “cruzadas”, foram considerados todos os trabalhos encontrados.

Realizou-se então uma avaliação dos títulos e resumos identificados na busca inicial. Quando o título e o resumo não eram suficientes para extrair as informações necessárias, buscou-se o artigo na íntegra, de modo a dirimir dúvidas, evitando exclusões precipitadas de estudos que apresentassem informações relevantes. Os trabalhos remanescentes foram submetidos à uma leitura dinâmica, em que foram eliminados aqueles que não se adequaram exatamente aos temas propostos. Os trabalhos pré-selecionados nessa fase foram submetidos a uma revisão da temática, que obedeceu aos critérios de inclusão e exclusão definidos previamente. Ao fim desta etapa, foram selecionados 26 trabalhos. No entanto, observou-se que alguns trabalhos eram oriundos de áreas de estudo alheias ao Design, tais como Engenharia, Educação, Ciência da Computação, Letras, Arquitetura, Ciência da Informação e Engenharia de Produção.

Optou-se pela permanência apenas daqueles específicos do campo do Design, totalizando assim sete trabalhos. Após a leitura completa dos estudos, observou-se que um deles apresentava divergências com um critério de inclusão, tratando-se de um ambiente virtual de colaboração, e fez-se necessária a exclusão do estudo. Por fim, restaram 06

estudos, todos encontrados na plataforma BDTD, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

A Tabela 02 expõe os números de trabalhos obtidos em cada etapa, por meio dos critérios descritos acima.

	CAPES	SCIELO	BDTD
Busca inicial	11.743	993	11.899
Após leitura do título + abstract e aplicação de critério em resultados superiores a 100 trabalhos	38	12	60
Após leitura dinâmica dos trabalhos selecionados	23	6	54
Após revisão e aplicação dos critérios de inclusão + exclusão	7	0	19
Seleção dos trabalhos exclusivos da área de design	0	0	7
Seleção Final	0	0	6

**Tabela 02 – Números de trabalhos obtidos em cada etapa. Fonte: Elaborado pela autora (2017).**

Os 06 trabalhos remanescentes são dissertações de Programas de Pós Graduação em Design de universidades brasileiras, e estão apresentados no Quadro 02.

	TÍTULO	ANO	AUTOR	UNIVERSIDADE
<b>1</b>	Design Estratégico e Comunidades Artesanais: Co-design para a transformação social	2015	Fernanda Seidl Ferreti	UNISINOS
<b>2</b>	Design e Tecnologia Assistiva: Uma abordagem inserida no contexto de reabilitação	2015	Henry Magalhães Macário	UnB
<b>3</b>	DESIGN, PROMOÇÃO DA SAÚDE E ESPIRITUALIDADE: exemplos de projetos	2016	Aline Lopes Moreira	Puc-RJ
<b>4</b>	Design Participativo para a Sustentabilidade: desenvolvimento de painéis modulares para fechamentos, utilizando bambu associado com terra e resíduos	2016	Gabriel Fernandes dos Santos	UNESP
<b>5</b>	Ferramentas de co-design voltadas a moradores de habitação de interesse social	2016	Rodrigo Karam Quintas	UFPR
<b>6</b>	Ecossistemas Criativos: relações colaborativas e ação projetual nos coletivos criativos informais	2016	Taline Sabany Velasques	UNISINOS

**Quadro 02 – Trabalhos selecionados. Fonte: Elaborado pela autora (2017).**

Realizou-se fichamento de cada um dos documento selecionado. Foram registradas informações sintéticas sobre o objetivo geral de cada trabalho e a descrição do método

utilizado para a aplicação de abordagens colaborativas como solução ou ferramenta no desenvolvimento dos projetos apresentados nesses mesmos estudos.

Após a extração dos métodos de aplicação de colaboração em projetos sociais, desenvolveu-se uma lista concisa dos tipos de ferramentas e/ou abordagens utilizadas, expostos no Quadro 03.

<b>TRABALHO</b>	<b>APLICAÇÃO DA COLABORAÇÃO</b>
<b>1</b>	Processos de Co-design através da perspectiva do Design Estratégico
<b>2</b>	Estratégias Participativas aplicadas em grupos multidisciplinares
<b>3</b>	Sessões de Co-Design para levantamento de soluções prévias
<b>4</b>	Processo de Design Participativo com foco em Sustentabilidade
<b>5</b>	Recomendações para o uso de conjunto de ferramentas de Co-Design
<b>6</b>	Processos que culminam em ações Colaborativas: Design Estratégico e Metaprojeto

**Quadro 03 – Síntese da aplicação da colaboração nos projetos sociais.**

**Fonte: Elaborado pela autora (2017).**

O diagnóstico de tais estratégias poderá ser útil para o desenvolvimento posterior de projetos sociais similares aos contextos em que os trabalhos resultantes da RBS estão inseridos.

### **3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Após registrar informações sucintas sobre o objetivo geral de cada trabalho analisado, desenvolveu-se a descrição do método utilizado para a aplicação de abordagens colaborativas como solução ou ferramenta.

No trabalho de Ferretti (2015), o objetivo foi propor caminhos estratégicos para a qualificação das consultorias de designers nas comunidades artesanais, visando à promoção de processos de co-design que contribuam para a maior autonomia das comunidades em relação às instituições que fomentam tais intervenções.

O conceito de co-design é inserido ao projeto a partir da capacitação e inserção de participantes — representados nesse caso pelos artesãos — na cultura do design. A partir dessa interação é criado um espaço de co-design em que os participantes colaboram, realizando juntos todas as etapas projetuais: pesquisa, análise, criação de conceitos e desenvolvimento de artefatos (FRANZATO, 2011).

Visando inspirar um modelo de interação entre designers e artesãos, a autora desenvolve uma relação dos encontros entre os profissionais e as etapas de um processo de design, baseado em Franzato (2011), Kolb (1984) e Zurlo (2010).

Para a eficácia da colaboração, a autora sugere que as soluções que buscam habilitar este contexto projetual devam facilitar diálogos e a horizontalidade das interações, propiciando um espaço de convívio capaz de compensar as diferenças, considerando o fato de que artesãos e designers frequentemente pertencem a realidades socioculturais distintas, e assim favorecer a capacidade criativa dos participantes.



Por fim, é realizado um relato da imersão dos designers nas comunidades artesanais, com o intuito de, além de promover uma análise da interação dos designer com as comunidades, identificar condições externas à sua presença que influenciem direta e indiretamente a sua atuação junto aos grupos. A análise da trajetória é descrita em um relato estruturado a partir de cinco categorias de análise: Rede de Valor, Relações Interpessoais, Cultura Projetual, Fatores Socioeconômicos e Inovação.

Macário (2015), desenvolveu um estudo no qual o foco é demonstrar como ocorre o processo longitudinal de reabilitação e identificar as condições para o seu funcionamento.

Considerando a reabilitação de pessoa e a necessidade emergente de sucesso na geração de alternativas para os problemas que permeiam a temática, o conceito de Design Participativo tangencia a pesquisa, dando voz aos indivíduos diretamente afetados pelo projeto. Entende-se também que tais indivíduos tenham algo a dizer sobre o processo, esperando que a controvérsia gerada com isso contribua mais do que o consenso na emergência de soluções de design. (BJOGVINSSON, EHN & HILLGREN, 2012).

Propostas são aplicadas de forma empírica pelos profissionais de design ao ambiente estudado, geralmente associadas ao envolvimento do paciente durante o desenvolvimento de novos recursos assistivos.

Moreira (2016), autora do terceiro trabalho analisado, explora a relação do Design com estados de relaxamento, calma e equilíbrio e o potencial da atividade em promover a saúde e o bem-estar do indivíduo. Partindo do pressuposto de que a qualidade de vida do indivíduo é um dos principais propósitos do design, a pesquisa tem por objetivo organizar dados de modo a colaborar com o desenvolvimento de meios e formas para a promoção da saúde.

O Design Colaborativo foi adicionado ao projeto através do programa PUC-Rio Mais de 50 — programa de educação continuada destinado ao público maior de 50 anos — que promoveu uma sessão de co-design, com o intuito de levantar ideias sobre novas atividades com foco no bem-estar e promoção da saúde.

O trabalho desenvolvido por Santos (2016) teve por objetivo desenvolver novos componentes construtivos — painéis modulares para fechamentos na construção de ambientes, feitos em bambu associado com terra e resíduos. A concepção dos painéis modulares foi realizada em conjunto com duas comunidades locais, uma de área rural e outra de zona urbana, sob uma abordagem metodológica articulada pela realização de um Design Participativo.

No trabalho em questão, o Design Participativo foi introduzido a partir do método escolhido para o desenvolvimento da pesquisa — ação como ferramenta norteadora — através da adaptação do método de Le Boterf (1980), que apresenta quatro fases para a sua realização. O autor do método adaptado no trabalho aponta que a busca pelo objetivo da pesquisa, sob uma abordagem participativa junto aos envolvidos, propicia uma retroalimentação constante entre os conteúdos gerados com as fases. Esse autor chama tal retroalimentação de *feedback*.

Quintas (2016) visa identificar e aprimorar recomendações para um conjunto de ferramentas de Co-design a ponto de aperfeiçoar a ferramenta para uma maior contribuição

dos moradores Habitação de Interesse Social (HIS) no diálogo com designer em um processo de Co-design, e assim, viabilizar sua participação.

Quando a Co-criação ocorre no campo do design, o termo mais indicado é o Co-design, por se tratar de criatividade coletiva para projetos (GREGORY, 2003). No processo de Co-design, o usuário tem papel de destaque como detentor de suas próprias experiências onde assume ser especialista e, com o suporte do designer e do pesquisador, contribui para desenvolver novas ideias e novos conceitos (SANDERS; STAPPERS, 2008).

Neste trabalho, utiliza-se o termo Co-design para conceituar os processos (e ferramentas) para se atingir o Design Participativo, facilitando a interação de pesquisadores e usuários. O envolvimento do usuário com o Co-design de produtos ou serviços é destacado como um fator essencial no processo para construção de parcerias e para adquirir confiança em projeto para a baixa renda (CASTILLO; DIEHL; BREZET, 2012).

A dissertação tratou o Co-design como um processo de apoio ao processo de desenvolvimento de produtos no design participativo, que coloca o real beneficiário como um membro da equipe, fornecendo desde informações até um completo envolvimento com decisões.

Velasquez (2016), autora do sexto e último trabalho analisado nessa revisão, tem como objetivo do seu estudo discutir as potencialidades de ação e de contribuição do designer no âmbito dos coletivos criativos informais, nos quais diversos profissionais da indústria criativa reúnem-se para desenvolver projetos com finalidades sociais e culturais.

A autora aborda a relação entre Processos Colaborativos e Coletivos Criativos. Além de evidenciar a existência de uma colaboração intuitiva, Velasquez apresenta outros dois tipos de processos que culminam em ações colaborativas durante o estabelecimento de coletivos criativos informais: o Design Estratégico e o Metaprojeto.

A pesquisadora sugere que além de se estabelecerem individualmente, os Coletivos Criativos podem se organizar em redes, potencializando o alcance e abrangência dos projetos desenvolvidos através deles, estabelecendo outro processo colaborativo. Manzini (2014) afirma que na rede, todo design é colaborativo, uma vez que não existe a possibilidade de alguém estar inserido em uma rede e não interferir nela.

Após o diagnóstico e análise das formas como processos colaborativos são inseridos nos trabalhos resultantes da RBS, constatou-se que abordagens colaborativas são aplicadas em projetos sociais no Brasil por meio das estratégias de design listadas na seção anterior, no Quadro 03.

Com o intuito de ressaltar ênfases e lacunas nos temas abordados pelos seis autores selecionados na RBS, relacionou-se aspectos projetuais do design colaborativo, apresentados em um quadro teórico (Quadro 04). A relação de cada autor com os aspectos avaliados foi relatada utilizando valores de 0 a 5, onde o “0” sugere que o trabalho possui relação nula com o aspecto, e assim, de modo crescente, a pontuação “5” indica uma forte ligação direta.

<b>AUTORES / ASPECTOS</b>	Fernanda Seidl Ferreti (2015)	Henry Magalhães Macário (2015)	Aline Lopes Moreira (2016)	Gabriel Fernandes dos Santos (2016)	Rodrigo Karam Quintas (2016)	Taline Sabany Velasques (2016)	<b>TOTAL (aspectos)</b>
Estratégias específicas de Co-design	5	2	3	5	5	4	<b>24</b>
Interação designer-comunidade	4	2	3	5	2	5	<b>21</b>
Trabalho das relações interpessoais	4	1	3	4	1	5	<b>18</b>
Imersão dos designers na comunidade	4	1	2	5	1	1	<b>14</b>
Relato de resultados exitosos	3	2	2	5	5	2	<b>19</b>
Descrição clara do método colaborativo utilizado	4	2	2	5	3	5	<b>21</b>
Participação efetiva de outros atores além dos designers no processo de co-design	4	3	2	5	3	1	<b>18</b>
Presença de aspectos teóricos do conceito de autogestão	2	0	0	0	0	3	<b>05</b>
<b>TOTAL (autores)</b>	<b>28</b>	<b>13</b>	<b>17</b>	<b>34</b>	<b>20</b>	<b>23</b>	

**Quadro 04 – Quadro Teórico.**  
**Fonte: Elaborado pela autora (2017).**

Os aspectos que atingiram o menor percentual estão relacionados com a presença de aspectos teóricos do conceito de autogestão; imersão dos designers na comunidade onde foi realizado o estudo de caso; participação efetiva de outros atores além de designers no processo de desenvolvimento do Co-design; e trabalho das relações interpessoais durante o processo de Design Colaborativo.

Portanto, os aspectos que atingiram o maior percentual referem-se à estratégias de Co-design; interação do designer com a comunidade; descrição clara de método colaborativo utilizado no desenvolvimento do trabalho; e relato de resultados exitosos.

Após a extração dos dados presentes no quadro, pode-se considerar que apesar de existirem trabalhos que utilizam abordagens colaborativas como ferramentas e estratégia para alcançar êxito no desenvolvimento de projetos com cunho social, tais como os trabalhos desenvolvidos por Ferreti (2015), Santos (2016) e Quintas (2016), pouco trata-se da questão da autogestão e relações interpessoais. Ademais, não foram detectados trabalhos que utilizam as ferramentas do Design Colaborativo especificamente para aperfeiçoar e auxiliar empreendimentos que trabalhem com esse formato de gestão, tornando tal situação a principal lacuna diagnosticada durante a pesquisa.

De acordo com Hespanhol e Savi (2017), um ser social sustentável deve criar relações pressupondo um convívio harmônico com os outros indivíduos. Essa postura

reflete diretamente na qualidade de vida, corroborando para a sustentabilidade da sociedade, o que torna a questão das relações interpessoais digna de atenção.

Em relação aos autores dos trabalhos analisados, ressalta-se que Santos (2016) e Ferreti (2015) escreveram os trabalhos que mais enfatizam os aspectos anteriormente listados. Santos (2016) fundamentou o seu trabalho na introdução do Design Participativo desde o início, durante a elaboração do projeto em si, até o último processo desenvolvido. Ferreti (2015) desenvolveu proposições projetuais que, através da imersão do designer na cultura da comunidade e do estabelecimento de um vínculo colaborativo entre designers e o público, beneficiem de forma eficaz a comunidade analisada. Portanto, pode-se considerar que os autores trabalham de forma satisfatória os itens avaliados, exceto a questão da autogestão e estímulos ao aprimoramento das relações interpessoais.

#### **4. CONCLUSÕES**

Após diagnosticar na literatura relatos exitosos de aplicação de abordagens colaborativas relacionadas à projetos de cunho social, ressaltou-se a importância da utilização de tais abordagens como ferramentas para a maximização da possibilidade de êxito dos projetos, aproximando os atores envolvidos no desenvolvimento do projeto à realidade e, conseqüentemente, reduzindo a necessidade de correções e grandes modificações.

Desenvolveu-se uma revisão bibliográfica narrativa, seguida de um Revisão Bibliográfica Sistemática, com o intuito de levantar informações consistentes sobre os registros na literatura que relacionassem os termos correlatos ao “design colaborativo” e “projetos sociais”.

Tal método resultou na identificação das lacunas citadas na sessão acima, em destaque a falta de incentivo nas questões de autogestão das comunidades onde os projetos foram executados, e aprimoramento das relações interpessoais. Ressalta-se, portanto, a necessidade de difundir a utilização de abordagens colaborativas como ferramentas e estratégia para aperfeiçoamento e êxito da implementação de projetos sociais. Tratando-se de projetos que envolvem pessoas em situações vulneráveis, erros, fracassos ou excessivas mudanças até alcançar um projeto ideal causam danos mais intensos do que no desenvolvimento de projetos orientados a outro tipo de público.

O presente artigo teve como objetivo apresentar um panorama da situação teórica da relação entre abordagens colaborativas e projetos sociais, diagnosticando as principais lacunas para novas pesquisas, pois se acredita no potencial de tais abordagens na promoção da eficácia de projetos voltados ao público específico.

#### **REFERÊNCIAS**

BJÖGVINSSON, E.; EHN, P.; HILLGREEN, P. A. Design Things and design thinking: contemporary participatory design challenges. **Design Issues**, v. 28, n. 3, p.101-116, Summer 2012.

CASTILLO, L. G.; DIEHL, J. C.; BREZET, J. C. Design Considerations for Base of the Pyramid (BoP) Projects. **Proceedings of the Cumulus Helsinki 2012 Conference**, p. 1–15, 2012.

CLARO, P. B. O.; CLARO, D. P.; AMÂNCIO, R. Entendendo o conceito de sustentabilidade nas organizações. *Revista Administração da USP*. São Paulo. v. 43, n. 4, p. 289-300, out./Nov./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.rausp.usp.br/download.asp?file=v4304289.pdf>>.

CONFORTO, E. C.; AMARAL, D. C.; SILVA, S. L. DA. **Roteiro para revisão bibliográfica sistemática**: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. Trabalho apresentado no 8º Congresso Brasileiro de Gestão de Desenvolvimento de Produto, Porto Alegre, 2011.

CORDEIRO, A. M. et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, Rio de Janeiro, v.34, n.6, dez. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-69912007000600012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-69912007000600012&lng=en&nrm=iso)>.

FERRETTI, F. S. **Design estratégico e comunidades artesanais**: co-design para transformação social. 2015. 133 p. Dissertação (mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Porto Alegre, Departamento de Design, 2015.  
FOLADORI, G. Avanços e Limites da Sustentabilidade Social. In: **Revista Paranaense de Desenvolvimento** (102), Curitiba, p. 103-113, jan./jun. 2002.

FRANZATO, C. O processo de inovação dirigida pelo design: um modelo teórico. **REDIGE**, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 50-62, 2011. Disponível em: <<http://www.cetiqt.senai.br/ead/redige/index.php/redige/issue/view/3>>.

GREGORY, R., 2003, All the King's Horses and all the King's Men: Putting New Zealand's Public Sector Back Together Again, **International Public Management Review**, Vol. 4, N. 2, pp. 41-58.

HEEMANN, A.; LIMA, P. J. V.; CORREA, J. S. Fundamentos para o Alcance da Colaboração em Design. **Estudos em Design**, v. 18.2, p. 1338-1349, 2010.

HESPAHOL, L. J.; SAVI, A. E. Sustentabilidade Social Através da Acessibilidade em Espaços Livres: Metodologia de Análise e Proposição nos Passeios Públicos. In: **Revista Mix Sustentável**. Florianópolis. v. 3, n. 2, p. 67-74, 2017. Disponível em: <<http://mixsustentavel.paginas.ufsc.br/files/2017/05/Mix-Sustent%C3%A1vel-6-Artigo-7.pdf>>.

KOLB, D. A. **Experiential learning**: experience as the source of learning and development. New York: Prentice-Hall, 1984.

MACÁRIO, H. **Design e Tecnologia Assistiva: uma abordagem inserida no contexto de reabilitação.** 2015. 120 p. Dissertação (mestrado). Universidade de Brasília. Brasília, Departamento de Design, 2015

MELO NETO, F. P. **Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MOREIRA, A. L. **Design, promoção de saúde e espiritualidade: exemplos de projetos.** 2016. 125 p. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2016.

QUINTAS, R. K. **Ferramentas de co-design voltadas a moradores de habitação de interesse social.** 2016. 233 p. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Departamento de Design, 2016.

SANTOS, G. F. **Design participativo para a sustentabilidade: desenvolvimento de painéis modulares para fechamento utilizando bambu associado com terra e resíduos.** Dissertação (mestrado). 2016. 155 p. Universidade Estadual Paulista. Bauru, Departamento de Arquitetura, artes e design, 2016.

VELASQUEZ, T. S. **Ecosistemas Criativos: relações colaborativas e ação projetual nos coletivos criativos informais.** 2016. 130p. Dissertação (mestrado). Universidade Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, Departamento de Design, 2016

ZURLO, F. **Design strategico.** In: XXI SECOLO. Roma: Enciclopedia Treccani. 2010.